

ENTREVISTA COM DOM TOMÁS BALDUÍNO: DAS CAUSAS DE DOM TOMÁS BALDUÍNO E DOM PEDRO CASALDÁLIGA¹

APRESENTAÇÃO



FIGURA 1: SAGRAÇÃO EPISCOPAL DE DOM PEDRO CASALDÁLIGA. CASALDÁLIGA É SAGRADO BISPO PRELADO DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA-MT EM 27 DE AGOSTO DE 1971, POR DOM FERNANDO GOMES DOS SANTOS, DOM TOMÁS BALDUÍNO E DOM JUVENAL RORIZ.

Fonte: Disponível em: <https://fperecasaldaliga.org/pt-br/blog/2021/10/19/como-foi-a-ordenacao-episcopal-de-casaldaliga/> Acesso em: 15 mar. 2022.

camponeses. Não muito distante geograficamente, o primeiro, na Diocese de Goiás, e o segundo, na Prelazia de São Félix do Araguaia, eles tentaram implementar modelos litúrgicos que incluíam simbologias advindas dos grupos mencionados. Além disso, dialogaram fazendo uso de declarações nos meios de comunicação, cartas pastorais e poemas. Outros pontos comuns os ligam: a adesão à Teologia de Libertação; a compreensão de que

Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldaliga foram dois bispos católicos que se aproximaram por suas escolhas e linhas de atuação, dentre as quais a defesa dos direitos humanos e a abertura da Igreja Católica Apostólica Romana aos que estavam às margens sociais, como mulheres, nativos, negros, moradores de rua, posseiros e

¹ Entrevista realizada no âmbito da pesquisa de doutoramento *Uso contra-hegemônico do Direito: a luta política e jurídica dos camponeses pela terra no Município de Goiás (1985-2006)*, de Edma José Reis.

o comunismo tem seus pontos positivos e que é útil à consciência da realidade, e o apoio a grupos de posseiros em particular. Eles fizeram parte do que foi considerado “a ala progressista” da Igreja Católica Romana e dialogaram com outros componentes deste grupo, como o italiano Giovanni Franzoni, o salvadorenho Oscar Romero e o brasileiro Evaristo Arns. Todos eles presbíteros, militantes das causas humanitárias e líderes do sistema de pensamento conhecido como Teologia da Libertação.

A entrevista que ora vem a lume é fruto de um trabalho de investigação científica e se vincula ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, campus Samambaia, da Universidade Federal de Goiás. A entrevista foi realizada em 2009 por meio de gravação com câmera de vídeo. A transcrição foi realizada segundo os protocolos científicos das Ciências Sociais e possui 40 páginas². Considerando a extensão do texto, optou-se por publicar uma parte dele, sendo critérios de recorte os diálogos entre os bispos, as informações sobre os fundamentos da Teologia da Libertação e sua prática na região Centro-Oeste, as questões de distribuição das terras e a organização de grupos sociais. Para fins editoriais, foram retiradas algumas marcas de oralidade, visando dar maior coesão textual à entrevista. Foram mantidos alguns elementos da linguagem informal porque o entrevistado, tal como outros líderes da Teologia da Libertação, defendia a variação linguística e usava uma linguagem próxima à da população marginalizada.

A entrevista apresenta pontos convergentes de pensamento de Tomás Balduino e Pedro Casaldáliga. Em uma das respostas, por exemplo, Balduino reflete sobre as mudanças ocorridas na Igreja Católica durante e após o Concílio Vaticano II. A temática é retratada também em poemas de Casaldáliga, como “Deje la curia, Pedro” (CASALDÁLIGA, 1986, p. 48-49), no qual diz em tom imperativo:

² Para acesso completo à entrevista, consultar os apêndices da tese de doutorado de Edma José Reis no site na Biblioteca da Universidade Federal de Goiás.

Deja la curia, Pedro,
Desmantela el sínédrio y la muralla
Ordena que se cambien todas las filacterías impecables
Por palabras de vidas, tembrosas.

As “palavras [...] trêmulas” compõem uma metáfora da flexibilidade que se quer da Igreja pós-conciliar. Nas palavras de Balduino, “[...] o importante do Concílio, o que era mais marcante é que era a igreja propondo algo, e propondo uma abertura. Abertura para o mundo. Isso foi a grande virada.”

Ambos os bispos questionam os excessos de poder e valorizam conhecimentos advindos de fontes que se diferenciam do corpo teórico do catolicismo, como os discursos científicos e o marxismo como teoria social.

Esse é também o escopo do haicai “E o verbo se fez classe” (CASALDÁLIGA, 2003, p. 46), que indica, em paralelismo sintático, relações de causa e efeito do fato em si: o fato de ter nascido de Maria, humana, faz dele um homem; o fato de trabalhar na oficina, insere-o num grupo específico, o de operários. Isso faz com que desenvolva uma visão de mundo, que não é a de detentores do poder, mas próxima da realidade comunitária.

No ventre de Maria,
Deus se fez homem.
Na oficina de José,
Deus se fez classe.

O entrevistado trata também da questão indígena, assunto caro à Teologia da Libertação e a Pedro Casaldáliga. Considera-se que Casaldáliga foi um dos fundadores do Conselho Missionário Indigenista (CIMI) e Balduino, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), ambos se apoiando mutuamente. Dentre os poemas de Casaldáliga que abordam a questão indígena está *Missa da Terra sem Males* (1980), poema dramático musicado, produzido em parceria com Pedro Tierra e Martin Coplas. A estrutura do poe-



FIGURA 2: LANÇAMENTO DA *MISSA DA TERRA SEM MALES*, NAS RUÍNAS DE SÃO GABRIEL DAS MISSÕES-RS. DOM TOMÁS BAUDUÍNO É O SEGUNDO DA ESQUERDA PARA DIREITA. DOM PEDRO CASALDÁLIGA É O SEXTO DA ESQUERDA PARA DIREITA.

Fonte: Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socio-ambientais/dom-pedro-casaldaliga-o-incansavel-defensor-dos-direitos-indigenas>
Acesso em: 12 mar. 2022.

ma assemelha-se à de uma missa. Por meio desse texto, Casaldáliga dá um grande passo no reconhecimento e pedido de perdão quantos aos danos causados pela Igreja Católica e pelos colonizadores aos povos nativos. Estão inseridos nos versos personagens nativas e termos em línguas nativas do Brasil. As personagens estão posicionadas como sujeitos no prólogo do drama (CASALDÁLIGA; TIERRA; COPLAS, 1998, p. 35):

Eu sou América,
sou o Povo da Terra, da Terra-sem-males,
o Povo dos Andes,/o Povo das Selvas,
o Povo dos Pampas,
o Povo do Mar...

Sobre o assunto, Dom Tomás Balduino também reconhece os malefícios causados pela Igreja Católica, explicando as razões da ocorrência do epistemicídio e etnocídio do autóctone, ao dizer, por exemplo, que “a grande força deles é a cultura” e que “[...] o que matou muitos grupos indígenas não foi um vírus. Foi o fato de a igreja chegar e tirar as insígnias dos indígenas, o colar, por exemplo; proibir de falar a língua; começar a fazer a catequese e preparar para a Primeira Comunhão”.

Além disso, produziu o texto *Via Sacra Missioneira* (1978)³, para ser usado na Romaria da Terra e da Água, que o bispo idealizou, criando-se uma consolidada tradição de romeiros na Diocese de Goiás. É um texto com teor literário, embora seja um material produzido com finalidade religiosa, a celebração de um ritual em memória dos 150 anos do martírio de Sepé Tiaraju⁴, mártir indígena que morreu durante a Guerra Guaranítica⁵ em confronto com colonizadores espanhóis e portugueses, ocorrida na região de São Gabriel das Missões, no Rio Grande do Sul.

Por fim, destacamos o posicionamento de Balduino e Casaldáliga na defesa de melhor distribuição de terras no Brasil. Balduino informa que abrigou, no centro pastoral da Diocese de Goiás, grupos que pretendiam conseguir lotes rurais sediados na Cidade de Goiás. Casaldáliga também apoiou posseiros e os orientou no desenvolvimento da agricultura de subsistência, estimulando a criação de “roças”, nas quais trabalhou com eles, assim como elevou sua voz na defesa das terras indígenas. O bispo de São Félix era uma voz crítica sobre o tema, seja no que refere à terra para habitação e subsistência, seja na sua divisão como meio de distribuição de renda, na defesa das terras indígenas e, mais para frente, com a chegada do agronegócio, firmou oposição ao uso exagerado de agrotóxicos nas lavouras extensivas. A terra e seu uso, tema recorrente e comum, que ambos os bispos compartilham, fecunda a poesia de Casaldáliga como em versos de “Confissão do Latifúndio” (CASALDÁLIGA, 2003, p.128):

³ Encontramos o texto em sites religiosos ou relacionados às questões indígenas, mas não sabemos se foi publicado em livro. Consultamos o texto no site: <https://www.ihu.unisinos.br/noticias/531052-dom-tomas-balduino-o-bispo-criador-da-via-sacra-missioneira-da-romaria-da-terra>. Possivelmente o texto foi impresso em folhetos de cantos religiosos para a celebração dos 150 anos no martírio de Sepé Tiarajú que ocorreu em Caiboté-RS, local onde aconteceu a batalha na qual o referido herói foi morto, em 1978.

⁴ Recorde-se que Sepé Tiaraju é personagem recorrente na Literatura brasileira. A exemplo disso, temos *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama e *Sepé Tiarajú – Romance dos Sete Povos das Missões* (1975), de Alcy Cheuiche.

⁵ Consequência do Tratado de Madrid, a Guerra Guaranítica ocorreu em 1756. Foi um conflito armado que envolveu sete povos indígenas das missões jesuíticas e soldados espanhóis e portugueses, durante a invasão colonial ibérica na América do Sul.

Por onde passei,
plantei a cerca farpada
plantei a queimada,
por onde passei,
plantei a morte matada

[...]
matei,
a tribo calada,
a roça suada.

ENTREVISTA

O objetivo da entrevista que se segue é discutir o papel da Igreja Católica e, mais especificamente, da atuação desta junto aos grupos ligados às Comunidades Eclesiais de Base, bem como o papel e/ou ação de um dos bispos da Teologia da Libertação, muito próximo de Dom Pedro Casaldáliga, que atuou junto aos grupos que disputavam a terra no Município de Goiás-GO. Esta entrevista faz parte de um conjunto de entrevistas realizadas com líderes dos grupos em luta pela terra, com fazendeiros desapropriados, com advogados e representante do INCRA-GO, a fim compor um quadro sociojurídico relativo ao processo social de conflitos, ocorridos na região entre as décadas de 1980 e 1990. O método de entrevista foi o do uso de roteiro semiestruturado. Ou seja, o entrevistado recebeu um roteiro, mas foram desenvolvidos diálogos ao longo da entrevista. Para melhor compreensão, as questões foram enumeradas. Cada pergunta corresponde a uma sequência de diálogos.

1. Edma José Reis: Dom Tomás, em função do meu projeto de doutoramento, eu gostaria de me aproximar da sua concepção e proposta, a partir do início do seu trabalho como bispo. Como foi o processo de a Igreja, que estava de costas para o povo, assumir a defesa desse povo?

Dom Tomás Balduino: Antes de mais nada, eu devo dizer que a sua contribuição, por meio de sua investigação científica e também de elaboração de conclusões, faz parte da riqueza com a qual a gente trabalha, que não tem uma delimitação: até aqui igreja, daqui adiante é o marxismo, daqui para ali é outra coisa, é a burguesia, é a *União Democrática Ruralista* (UDR) etc. Eu acho que a sua contribuição é muito importante nesse processo; aliás, tudo aquilo que eu vou responder, não é obra de uma pessoa só, iluminada, ungida, mas de todo um grupo de gente que se apaixonou pela caminhada. Bem de longe, deixou possibilidades grandes, até no exterior, na Itália. Por exemplo, o Chiquinho⁶ aqui, encontrei-me com ele anteontem, já de cabecinha branca. Ele deixou mil possibilidades lá [na Itália] e se encaminhou para cá, onde descobriu um mundo. Ele achou que ia dar uma contribuição, mas foi ele quem recebeu a contribuição. Dito isso, fico à sua disposição para essas diversas perguntas.

2.Edma José Reis: Sua caminhada na igreja, no Estado de Goiás e, particularmente, no Município de Goiás, a partir da sua sagração como bispo em 1967 vem embalada pelo espírito que animou o Concílio Vaticano II? Ou o Vaticano II foi um apelo inicial e depois o senhor assumiu sua vocação, sua forma de perceber a realidade e de trabalhar com as ferramentas (que são as mais avançadas para lidar com o povo, para lidar com institucionalidade) que o tempo disponibilizou? Por outras palavras: o Concílio Vaticano II propôs alterar o modo como a igreja e os católicos vêm a realidade ou essa alteração originou-se da intervenção de bispos e padres que viviam junto aos próprios pobres?

Dom Tomás Balduino: Nós estamos diante de um fenômeno, um desses fenômenos mundiais. Você não sabe como é do que eles advêm? Nós chamávamos e chamamos isso de um novo “pentecoste” dentro da igreja. O que é Pentecoste? É irrupção daquele grande vento e daquele fogo que tomou conta dos discípulos. E eles ficaram, então, possuídos

⁶ O entrevistado refere-se ao Padre Francesco Capponi, italiano que atuou como presbítero na Diocese de Goiás.

daquilo como um processo. Então, isso estava acontecendo no mundo todo, não era só na Igreja⁷. É curioso. Então, a gente explica isso também pelo pêndulo. Uma hora achamos que o pêndulo está à esquerda, dentro da Igreja, ou que está à direita. É uma coisa que ultrapassa as estruturas e muito mais as pessoas. O que sucedeu ao Concílio? O Papa Paulo VI deu continuidade ao Concílio Vaticano, após a morte de João XXIII. Esta passagem histórica, a mudança de pontífice, é muito importante porque ele é líder e tem consciência dos fatos históricos de seu tempo. Envolvido por aquele movimento todo, ele propôs o Concílio. Aconteceu, então, o Concílio Vaticano II, congresso ecumênico com várias igrejas, vindas de todas as partes do mundo. Uma coisa grandiosa. Mas o importante do Concílio é que era Igreja propondo uma abertura ao mundo. Isso foi a grande virada. São volumes de instituições, reflexões dos melhores teólogos (Yves Congar e outros). Mas uma coisa aconteceu: a igreja se abriu para o mundo. A Igreja era milenar e vivia muito fechada sobre si mesma. Tinha motivos, não é? Porque era tudo muito bem organizado, muito rico, bem sedimentado, respeitado pelos reis, pelos papas que coroavam os reis ou os descoroavam. Então, era autossuficiente, chegando ao ponto em que circulava entre os teólogos um dizer de que “fora da igreja, não há salvação”. De repente, a igreja descobre uma outra realidade santificada que é o mundo.

Edma José Reis: A igreja “cai no mundo”.

Dom Tomás Balduino: “Cai no mundo”.E aí se perde no mundo.

Edma José Reis: E se apaixonou pelo mundo.

Dom Tomás Balduino: Se apaixonou pelo mundo, então reconhecendo que o mundo não é maldito.

Edma José Reis: Não é do “cão”.

Dom Tomás Balduino: Não é do “cão”. O mundo é bendito. O mundo é morada de Deus.

Edma José Reis: Amor...

⁷ Optamos por grafar o termo igreja com maiúscula por estarmos tratando de uma igreja em específico, a Igreja Católica Apostólica Romana.

Dom Tomás Balduino: Então, ela [a Igreja] começa a valorizar as coisas do mundo: a poesia, a ciência, o saber, a arte. Reconciliou-se com Galileu Galilei: besteira condenar uma coisa dessas, a ciência. Bom, então, a gente tem que resumir: o Concílio foi uma abertura da janela do Vaticano para o mundo. Claro que apareceu o mundo europeu... Bonito!

Edma José Reis: Perfeito, não é? Tudo arrumado, tudo pronto!

Dom Tomás Balduino: Tudo arrumado. Mundo do ter, do saber, do poder. Vale a pena se abrir para ele, fazer aliança. Foi assim que aconteceu isso, que o Concílio Vaticano teve essa abertura para o mundo, mas, de imediato, era aquele mundo.

Edma José Reis: Era um modelo dado pelo europeu.

Dom Tomás Balduino: Era. Acontece, porém, que os bispos latino-americanos participantes do Concílio tiveram que juntar as malas e voltar para suas casas.

Edma José Reis: Lidar com coisas tortas, desarrumadas.

Dom Tomás Balduino: E quando íamos voltar, o Papa Paulo VI falou: “Vocês vão reunir-se num lugar para aplicar no continente latino-americano essas belezas, essas luzes que estão aqui”. E se fez o tal encontro em Medellín⁸, na Colômbia. Um dos grandes pastores que estiveram no Concílio foi Fernando Gomes dos Santos⁹.

Edma José Reis: Um arcebispo da diocese de Goiânia.

Dom Tomás Balduino: Esse pessoal que ...

Edma José Reis: José Maria, de Catreús¹⁰, não é?

⁸ Foi a Segunda Conferência Geral do *Episcopado* Latino-americano. Ocorreu em *Medellín*, Colômbia, de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. *Ainda se considera importante a Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Puebla de los Angeles no período de 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979 e a Primeira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, sediada no Rio de Janeiro, de 25 de julho a 4 de agosto de 1955, no Colégio Sacré Coeur.*

⁹ Dom Fernando dos Santos foi Arcebispo de Goiânia-GO, de 1957 a 1985.

¹⁰ José Maria Melo foi o primeiro bispo da Diocese de Crateús-CE, criada em 1964. O bispo nasceu em Teixeira, no Estado da Paraíba, em 10 de dezembro de 1920.

Dom Tomás Balduino: É. Então, esse pessoal estava na abertura [do encontro], quando, de repente, abre-se a janela, e o mundo que vimos foi o dos negros, majoritariamente, dos índios, dos...

Edma José Reis: Dos mestiços, de toda cor.

Dom Tomás Balduino: Dos sem-terra, dos sem-teto, das mulheres.

Edma José Reis: Espancadas, violentadas, sofridas.

Dom Tomás Balduino: Pois é, foi isso o que nos apareceu. Interessante é que, logo em seguida, isso foi consequência: o pessoal não hesitou, não. Pelo contrário. Havia bispo de muita audácia ali, força da igreja, como Paulo Evaristo Arns¹¹. Então, da parte da igreja teve essa abertura para com os pobres na forma de uma opção e uma opção preferencial. O negócio ali é político, não é?

Edma José Reis: Nitidamente político, Dom Tomás.

Dom Tomás Balduino: É.

Edma José Reis: Essa é a grande virada.

Dom Tomás Balduino: É a grande virada! Porque tomou partido.

Edma José Reis: Foi a primeira vez, num tempo moderno, uma posição tão clara.

Dom Tomás Balduino: Se não ficaria um negócio assim, desequilibrado. Mas sucede-se que, interessante, um outro passo dentro deste (nossa segunda tentativa), foi o de, nessa opção, o pobre não ser mais considerado como objeto, mas como sujeito!

Edma José Reis: Essa é a grande novidade.

Dom Tomás Balduino: É, como sujeito. E também incluí a ideia de misericórdia, asilo, orfanato, abrigo.

3.Edma José Reis: Então, podemos dizer que antes do Concílio e ao longo da história da Igreja isso justificava a riqueza da Igreja?

Dom Tomás Balduino: É. E ainda dava a absolvição. Mas, a opção feita pelo Concílio colocou o pobre em primeiro lugar! Não eu, pois eu fiz

¹¹ Foi Arcebispo de São Paulo de 1970 a 1998, frade franciscano, cardeal e escritor. Dedicou-se às causas dos excluídos.

a opção, mas ele [o pobre]. Ele é o protagonista, ele é o boi que guia, ele é o que vai decidir. Sujeito, autor e destinatário de sua própria caminhada. E não é necessariamente uma caminhada de igreja. O bispo podia lutar por eles? Negativo. Eles têm autonomia! Autonomia. E assim nasceu o Conselho Missionário Indigenista (CIMI), a Comissão Pastoral da Terra (CPT). O CIMI como um serviço aos povos indígenas e a CPT como um serviço aos camponeses: um tema muito conflituoso na época da ditadura.

Edma José Reis: Dentro da hierarquia da Igreja, também em função do próprio poder do governo instalado.

Dom Tomás Balduino: Foi. É como o samaritano socorrendo o caído pela mão do militar.

Edma José Reis: Aquele que acolhe quem está apanhando, não é?

Dom Tomás Balduino: Isso fez com que o pessoal sentisse o outro. Sentir o outro era tudo para quem sempre dependia da igreja, precisava de apoio, precisava de recurso, precisava de interferência. Foi-se percebendo pouco a pouco pela própria palavra dos marginalizados e daqueles que os representavam, não é? Os padres, os pais, os irmãos. Cabia a eles a Terra. Interessante é que, só para dar uma ideia concreta, eu participei da fundação do CIMI e da CPT. O CIMI veio antes,

Edma José Reis: Só com o poder de discussão, de reflexão, mas não de intervenção.

Dom Tomás Balduino: Não de intervenção. Um dos conselheiros [provavelmente se refere a um dos conselheiros do CIMI] era um jesuíta, o Lisboa. Ele deu uma ideia [fica subentendido que o Conselho dá a ideia de realizar uma assembleia com os indígenas]; a gente achou estranho, mas depois a ideia decolou. Não foi tão fácil, não foi tão simples. Foi muito tenso, no início, porque eram muitos os seus adversários e eles se recordavam de grandes chefes guerreiros. Recordam-se ainda da tradição e de fatos passados.

Edma José Reis: Em relação ao branco.

Dom Tomás Balduino: Numa dessas assembleias, que aconteceu em Cururu, os indígenas foram ajudados pela própria Aeronáutica que os trazia e depois os levava de volta. Ali tinha uma grande pista. Então, os

indígenas, num grupo, resolveram fazer um lugar de assembleia na mata. Para chegar lá, passavam um igarapé ou dois e andavam [na mata]. Um tronco servia de cadeira. Havia 140 pessoas. Então, ele [subtende-se que ele se refere a um líder indígena] se levantou, olhou para o céu e falou: “Meus amigos, em outros tempos, se a gente se encontrasse na distância que nós estamos agora, a gente sabia o que ia acontecer: o estado [...].”

Edma José Reis: Passava a espada, a flecha em todo mundo.

Dom Tomás Balduino: “Hoje, nós estamos aqui reunidos e unidos, porque chegamos à convicção de que estamos todos dentro da mesma canoa furada”, como dizia ele.

Edma José Reis: Que leitura bonita.

4. Edma José Reis: Foi a grande missão, a grande abertura para o outro realmente?

Dom Tomás Balduino: Para o outro é ir às assembleias. Eu escutei o chefe Pareci, que no final dizia: “É, pois é. Eles¹² viviam em missão como vocês diziam. Era o diretor era quem tinha a chave, o acesso ao armazém, do qual os índios dependiam.”

Edma José Reis: O protagonismo não é nem da institucionalidade, era da autoridade, não é?

Dom Tomás Balduino: A coisa mudou. Então, ele dizia assim: “Pois é, nas coisas de que a gente tem necessidade, a gente vai procurar o padre. No mais, nós mesmos, nós mesmos [resolvemos].” A cúpula, o Concílio, mas, e as bases? E os outros que, mesmo participando do Concílio, não entenderam muito bem? Poucos aceitaram.

Edma José Reis: Não querem perder aquilo que têm.

Dom Tomás Balduino: Não querem perder. E depois houve a pressão da mídia, não é? Porque o pessoal era muito vivo. Sabe o rumo novo que está sendo tomado e cai em cima. Então, criou-se aquela tensão

¹² Provavelmente, os indígenas se referem aos missionários católicos que atuaram nas comunidades indígenas antes do Concílio Vaticano e da emergência da Teologia da Libertação na América Latina. Algumas congregações e mesmo missionários de outras igrejas mantêm modelos similares ainda hoje.

entre uma Igreja que continua o mesmo processo, a *intra*¹³ e a Igreja que se abre para o mundo reconhecendo os pobres como sujeitos¹⁴. Sujeitos e inovadores da história.

5. Edma José Reis: Então, nesse sentido, a gente pode falar que há indução? Ou seria melhor considerarmos que a Igreja percebe a necessidades de mudança no seio desses grupos?

Dom Tomás Balduino: Na medida em que a igreja tem uma autoridade moral. Sobre eles [os indígenas] e que começa a dizer o lugar, o novo lugar deles de sujeito histórico. E eles começam a entender isso.

Edma José Reis: A questão do direito.

Dom Tomás Balduino: Logo depois dessas assembleias, começaram as lutas por partilha de terra pelos indígenas.

Edma José Reis: Pelos indígenas.

Dom Tomás Balduino: A recuperação das terras, recuperação da cultura, recuperação das terras e autonomia.

Edma José Reis: O resgate da identidade cultural indígena por eles mesmos.

Dom Tomás Balduino: Porque a grande força deles é a cultura.

6. Edma José Reis: É a cultura. Quer dizer, a diferença é aquilo que lhes dá consistência como gente, como ser. Se não for pela própria cultura, eles se olharão pelo prisma da igreja, da sociedade envolvente?

Dom Tomás Balduino: O que matou muitos grupos indígenas não foi um vírus. Foi o fato da igreja chegar e tirar as insígnias dos indígenas, o colar, por exemplo; proibi-los de falar a sua língua; começar a fazer a catequese e a preparação para a Primeira Comunhão.

Edma José Reis: A aculturação.

¹³ O entrevistado faz referência a expressão latina *ad intra*, que significa ficar olhando para si mesma.

¹⁴ Se comparada com o significado da expressão *ad intra*, a abertura da Igreja mencionada pelo entrevistado significaria *ad extra*.

Dom Tomás Balduino: Isso os matou. Então o índio dizia assim: “é bom, mas nos mata por dentro”.

Edma José Reis: Pronto. Falou a essência do processo.

Dom Tomás Balduino: É, interessante. Então, isso é como um divisor de águas entre igreja tradicional e igreja do evangelho. Isso também foi motivo de tensão, conflito, de incompreensão. Você não pensa que a Igreja se converte de uma vez, não é?

Edma José Reis: Não, é um processo.

Dom Tomás Balduino: Novos interlocutores e transformadores da história. Não se trata apenas de uma solução de problema desse ou daquele povo. Eles entram num processo histórico.

Edma José Reis: Então, nesse sentido, já há um embrião da busca por autodeterminação no seio dos grupos, das comunidades em que a Igreja estava, não é?

Dom Tomás Balduino: É.

7. Edma José Reis: Nesse sentido, quando a Igreja diz: “O pobre é sujeito, o pobre é o interlocutor e é quem transforma a história”, “o pobre transforma e modifica a história”, essa seria uma chave, Dom Tomás? Uma chave para as mudanças ocorrida?

Dom Tomás Balduino: Modifica a história.

Edma José Reis: Ela [a Igreja], então, investe a sua legitimidade nesse sujeito, dizendo “pode vir a mim e falar”, não é?

Dom Tomás Balduino: Aliás, a história mostra como os camponeses, as lutas camponesas fizeram transformações sociais profundas. O golpe de 1964 foi, diz José de Sousa Martins¹⁵, mas, cuidado, não exclusivamente, mas prioritariamente, contra as organizações dos trabalhadores rurais no campo.

Edma José Reis: O senhor está correto. Foi essa leitura que me fez perceber a importância de um agente, de um sujeito social forte para amparar na hora dos reveses.

¹⁵ Escritor e sociólogo brasileiro. Referência nos estudos sobre questão agrária.

Dom Tomás Balduino: É.

Edma José Reis: É uma leitura nova essa, mesmo que tenha sido feita já há algum tempo.

Dom Tomás Balduino: E é interessante, aqueles que ficaram à margem da história, que é a nossa história, toda a história do Brasil.

Edma: Sim.

Dom Tomás Balduino: Ela é contada a partir dos vencedores, a partir...

Edma José Reis: Da autoridade.

Dom Tomás Balduino: A partir dos senhores de engenho, não é?

Edma José Reis: Dos grandes homens, dos homens de bens.

Dom Tomás Balduino: Homens que têm acesso à corte, ao poder.
¹⁶Surge, então, como um broto novo, quer dizer, uma nova semente, um fermento que a partir de baixo, a partir das bases sociais se organiza. E a grande expectativa no mundo de hoje é isso.

Edma José Reis: Ainda é uma novidade. Ela ainda não se potencializou. Ou melhor, se potencializou, mas não se concretizou.

Dom Tomás Balduino: É, não esgotou todo potencial. A gente vê os exemplos. O caso da Bolívia é exemplar.

Edma José Reis: A mais linda! Desculpe a declaração de amor. As populações indígenas, depois de tanta luta, de tanto massacre, fazem a reviravolta.

Dom Tomás Balduino: E quem é o incomodado aí é o...

Edma José Reis: O fazendeiro

Dom Tomás Balduino: Eu li uma análise muito interessante sobre as raízes da criminalização dos movimentos sociais do campo. Os Estados Unidos filmavam isso dessas organizações.

Edma José Reis: Que começaram o processo de alienação.

Dom Tomás Balduino: Houve um avanço também sobre as terras.

Edma José Reis: Que interessante.

¹⁶ O entrevistado retoma a resposta sobre o surgimento dos movimentos camponeses na Cidade de Goiás-GO.

Dom Tomás Balduino: É muito interessante isso.

Edma José Reis: Atualmente, há criminalização do pobre, aquele que necessita dos benefícios e dos serviços sociais. Então, entre resolver (o que implicaria gastar e repartir o lucro), nós escolhemos aprisioná-lo.

Dom Tomás Balduino: As empresas multinacionais estão todas de olho na terra para a monocultura, a produção de etanol.

8. Edma José Reis: O senhor acredita que os lavradores sem-terra, principalmente da região onde o senhor atuou como bispo, na diocese de Goiás, teriam iniciativas da luta pela terra espontaneamente? Ou, de fato, essa indução surge e se consolida a partir do Concílio Vaticano II? Há essa indução ou elas se mesclam?

Dom Tomás: Vou te explicar. É pela imagem do guarda-chuva. A igreja, naquele tempo da ditadura, abrigou outras organizações e grupos. Isso ocorreu, justamente, quando surgiram as pequenas organizações do campo. O Centro de Formação de Goiás é um exemplo típico de um lugar que acolheu grupos de várias origens e não apenas religiosos e funcionou um pouco como a cobertura. O referido Centro é uma casa religiosa; formação catequética, motivação espiritual e, ao mesmo tempo, onde os trabalhadores rurais se reuniam. E o que que eles tinham já como iniciativa? Não sei. Eu sei que estavam lá; e com assessoria até de fora¹⁷.

Edma José Reis: Eram os comunistas, Dom Tomás?

Dom: Vai ser. Vai ser. Então, um dia, estava lá eu, uma turma até boa, o dia todo. De tardezinha eles chegavam até mim e diziam: “Dom Tomás, nós estamos aqui reunidos o dia inteiro e não convidamos o senhor para nenhuma das nossas sessões, o que o senhor diz?”. Era uma maneira de provocar. Eu falei: “Não, meu filho, estou satisfeito e orgulhoso. Isso é sinal que vocês estão caminhando com as próprias pernas e pensando com a própria cabeça. E pensando bem.” Então, esse pessoal, graças a essa cobertura [o entrevistado se refere a presença dos camponeses no

¹⁷ Dom Tomás Balduino está se referindo a pessoas de São Paulo.

Centro mencionado], eu tive cento e tantas gentes me acompanhando. Os militares rodeavam por aí tudo, durante a ditadura.

Edma José Reis: Diuturnamente, Dom Tomás?

Dom Tomás Balduino: É, eu estava bem protegido. Sob as mais variadas formas, estavam por ali.

Edma José Reis: Bom, então, isso permitiu sua sobrevivência e surgimento de movimentos sociais até o momento daquela abertura gradual, lenta e restrita no final da Ditadura Militar Brasileira?

Dom Tomás Balduino: Lenta e restrita de Geisel¹⁸, não é? Símbolo nazista, não é?

Edma José Reis: Sim.

Dom Tomás Balduino: Então, isso permitiu que depois pipocassem as diversas organizações e suborganizações, as maiores, como MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e outras, não é? Mas a origem de algumas delas era como os eclesiais de base. E o processo das comunidades eclesiais de base refletiu o evangelho no nosso compromisso diante da realidade. Então, o pessoal foi descobrindo o seu rumo, seu mundo e se organizando. O problema é que não foi uma indução. Podia parecer deles mesmos. Eles mesmos, conscientemente, iam atrás do que queriam e organizavam movimentos de trabalhadores, com o tempo eles pediram para usar o nome de CPT, foi por aí.

Edma José Reis: Sim. E esse é um elemento de discussão dentro dos grupos dos trabalhadores na região em que o senhor fez seu bispado, a região de Novo Brasil, Fazenda Nova, Jussara, Maderapuã, São Luís de Montes Belos, Sanclerlândia. Então, essa é uma região na qual a pobreza é muito grande. Eu sou de Novo Brasil. Então, eu sei que a minha família do lado de mãe veio de Minas.

Dom: É, e o denominador comum nessa gente é a religião, não é?

Edma José Reis: É a religião. E aí a preocupação.

Edma José Reis: A referência é a religião, a Igreja Católica.

¹⁸ Referência ao quarto ditador brasileiro, Ernesto Beckmann Geisel, que governou o país de 1974 a 1979.

Dom: A Igreja.

Edma José Reis: Porque era onde eles iam, era casa, roça e igreja ou roça, casa e igreja.

Dom: É, e é uma religião que não era assim muito engajada.

Edma José Reis: Ela era tradicionalista.

Dom Tomás Balduino: Como é que, de repente, no meio desses trabalhadores começam a surgir liderança? É interessante, não é?

Edma José Reis: Sim.

Dom Tomás Balduino: Eles começaram.

10. Edma José Reis: E os elementos que são externos aos quais o senhor se referiu? É o comunismo, é ele que vem com a incumbência de organizar, não é? Organizar o homem do campo, não é? Destes grupos fazem parte pessoas vindas da cidade, que passaram por uma outra experiência e agora desejam levar as pessoas ao engajamento, à conscientização? A igreja teve a intenção de substituir esse proselitismo do comunismo, dos comunistas?

Dom Tomás Balduino: Isso aconteceu, na verdade, no Nordeste e no interior de Minas Gerais, por causa dos bispos, da organização das ligas camponesas e da união [entre ambos]. Ao mesmo tempo, o governo incentivava a criação de sindicatos¹⁹. Já os grupos de orientação comunistas incentivavam os sindicatos a se organizarem de acordo com suas ideologias. Não sucedeu isso na diocese de Goiás.

Edma José Reis: É uma novidade isso que o senhor está falando, viu?

¹⁹ Dom Tomás Balduino faz referência a fatos ocorridos a partir de meados ou fim da década de 1970 e início dos anos 1980. Antes dos anos de 1980, as Ligas Camponesas tinham sido sufocadas. Suas lideranças tinham sido divididas. Naquele período, liderado por Francisco Julião buscava a reforma agrária. Com a finalidade de enfraquecer tais Ligas, o Estado ou pelos governos incentivou a criação de sindicatos rurais e urbanos, o que significou o aburguesamento dos camponeses. Acredita-se que, por essa via, se tenha criado situações que viabilizariam um sindicalismo atrelado ao Estado. Assim sendo, a luta de oposição sindical a que Dom Tomás faz referência, provavelmente seja a de ativistas sindicais que participaram da perspectiva dos que concordavam com a reforma agrária vinda do Estado.

Dom Tomás Balduino: É?

Edma José Reis: Eu queria muito saber disso.

Dom Tomás Balduino: Nós (eu e meus assessores) tínhamos a teoria marxista como um instrumento, um instrumento de análise muito válido e até ajudando a Teologia da Libertação. Então, isso para nós, nesse sentido, era um reforço para o pessoal se instrumentalizar para a luta. É interessante, na nossa concepção, porque eu fiz o estudo do marxismo com o teólogo Gustavo Gutierrez, não sei se você o conhece. Gutierrez foi o fundador da Teologia da Libertação. Mas é um homem de marxismo. Então, a gente tinha essa consciência de que não era uma concorrência, uma vez que era um instrumento que a gente via: instrumentos para a análise crítica e autocrítica. Podia servir para os grupos de igreja, no sentido de aprimorar o nosso instrumento de conhecimento dessa realidade intrincada que está aí. Foi um fato.

REFERÊNCIAS

CASALDÁLIGA, Pedro; TIERRA, Pedro; COPLAS, Martin. *Missa da Terra sem Males*. Rio de Janeiro: Tempo e Presença, 1980.

CASALDÁLIGA, Pedro. *El tempo y la Espera*. Madrid: Sal y Terrae, 1986.

CASALDÁLIGA, Pedro. *Cantigas menores*. Goiânia: Editora da UCG, 2003.

Submetido em 07 de abril de 2022

Aceito em 02 de maio de 2022

Publicado em 29 de maio de 2022
